



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17160 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

### MULHERES QUILOMBOLAS NEGRAS MAIS VELHAS: SABERES TRADICIONAIS E HIBRIDISMO NA EDUCAÇÃO

Adriana da Silva Ferreira - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Georgina Helena Lima Nunes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: TAC- Carrefour

### MULHERES QUILOMBOLAS NEGRAS MAIS VELHAS: SABERES TRADICIONAIS E HIBRIDISMO NA EDUCAÇÃO

**RESUMO:** Este trabalho é um recorte da dissertação de Mestrado em Educação, em andamento, intitulada “A percepção das mulheres mais velhas do Quilombo Coxilha Negra (São Lourenço do Sul/RS): sobre a formação para a docência das mais novas no ensino superior”. Metodologicamente, a pesquisa se configura como qualitativa, o qual ouvimos quatro mulheres negras quilombolas, do Quilombo Coxilha Negra (São Lourenço do Sul/RS). Nessa investigação sobressai, sobremaneira, as perspectivas das mulheres mais velhas, cujas histórias e saberes, a exemplo da religiosidade, no contexto dos espaços sócio-culturais e das experiências afro-diaspóricas quilombolas, são elementos fundamentais para entender os impactos de uma educação não formal que permite, subjetiva e objetivamente que as mais jovens cheguem na Universidade. Religião e hibridismos que não se reduzem a uma fé “pura”, mas estão imbricadas em jogos de poder que tramitam entre racismos, anti-racismos e nos espaços intervalares de uma dimensão e outra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres Quilombolas; Saberes Tradicionais; Hibridismo; Educação.

Os quilombos atuais possuem uma vasta diversidade cultural, mas, mesmo assim, com toda essa diversidade, as comunidades quilombolas são únicas, visto que carregam consigo as influências regionais e de múltiplos espaços nacionais e transnacionais que asseguram uma identidade cultural por meio de suas tradições e práticas ancestrais. O aquilombamento foi e é um símbolo de resistência e afirmação da identidade negra que possibilita um lutar por justiça por social contra o racismo, a partir de uma perspectiva de

garantia de direitos territoriais e a manutenção da herança cultural. Logo, de acordo com o Artigo 68, sobre o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 o termo Quilombo, atualmente, tem assumido novos significados nas literaturas, grupos, indivíduos e organizações (O'dwyer, 2016, p. 45).

Os quilombos se formaram em diferentes estados do País devido à grande violência que os negros enfrentavam dos colonizadores na diáspora africana. O hibridismo cultural, por sua vez, foi uma consequência da necessidade de se manter incluso e resistente na abertura de fissuras em sociedades racializadas de modo a potencializar uma herança africana e suas cosmovisões.

[...] em processo e por vir que desafiam, transgridem, interrompem e deslocam o sistema dominante, nas fissuras que vêm de baixo, onde se encontram, se constroem e caminham formas de estar-fazer-ser-sentir-pensar-saber-viver muitas outras e nas próprias possibilidades de fazer fender, fissurar. (Walsh, 2019, p. 108).

Para Canclini (1997, p. 12), hibridação se define como “[...] processos sócio-culturais nos quais estruturas ou praticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar, novas estruturas, objetos ou praticas” (Canclini, 1997, p. 19).

Um exemplo de hibridação é a forma com que a imagem dos santos/as católicos, por exemplo, Nossa Senhora dos Navegantes, é vista como Iemanjá para as religiões de matriz africana. A esse processo, atribui-se, de igual forma, o conceito de sincretismo religioso que considera um conjunto de relações sociais em que a relação entre dominantes e dominados não é linear ou cômoda para ambas as partes. Além disso, Canclini (1997, p. 18), se define tal conceito como:

[...] combinação de práticas religiosas e tradicionais, [...] em um sentido mais amplo, como a adesão simultânea a vários sistemas de crenças, não só religiosas, o fenômeno se expande notoriamente, sobretudo entre as multidões que recorrem para aliviar certas enfermidades, a remédios indígenas ou orientais se, para outras, à medicina alopática, ou a rituais católicos ou pentecostais.

A idéia de refugio, diferente ao estigma criminalizante dos quilombos (O'Dweyer, 2016) , pode ser utilizada para localizarmos o quilombo como um lugar onde nossos pensamentos são materializados através de falas e escutas que se tornam formas concretas e espirituais.

A questão quilombola, necessariamente, não vislumbra a terra como um lugar fixado, mas, sim de movimento; o território é dinâmico na sua capacidade de criar e recriar visões de mundo, de se religar fortemente ao mundo cósmico não necessariamente de uma religião. Religa-se por uma série de elementos que reafirmam o sagrado pela forma com que festejam, se revigoram, buscam energias nas serventias atribuídas secularmente às matas e suas folhas, sementes, raízes, cheiros e poderes. (Nunes, 2014, p.185).

Essa é uma das práticas que os/as sujeitos/as quilombolas realizam em seu território, local em que se sentem pertencentes e seguros; é nesse espaço que estão os seus pares e se constituem como comunidade. Um dos exemplos dessa devoção se revela na

casa de Dona Maria (Março/2024) que, ao caminhar ao redor de sua residência, mostrou suas plantas e, no mesmo pátio, mostrou a casa de um irmão falecido que tinha um altar com seus/as santos/as de devoção: Nossa Senhora, Santa Clara e São Jorge. A mesma acendeu uma vela, fez orações e se acredita que essas práticas sejam manifestações de cunho religioso e cultural que corroboram para a resignação frente aos diferentes ciclos da vida \_nascido, crescer e morrer\_, como também, para imortalizar práticas de fé que ajudam a preencher os espaços deixados pela despedida. Os em que práticas educativas não formais podem adentrar ao sistema educacional não como dogma, mas como conhecimento que, junto a tantos outros, como das roças, das luas, das simpatias, dos benzimentos, tornaram a vida possível a partir de sistemas opressores que lhes indicavam o contrário.

As aproximações metodológicas que inspiram essa reflexão, consistem em analisar, através de entrevistas semi estruturadas, como as mulheres negras mais velhas da comunidade quilombola Coxilha Negra (São Lourenço do Sul/RS) percebem e interpretam a inserção das mulheres mais novas no Ensino Superior. Tem-se como objetivo geral, investigar essa percepção, explorando suas visões, experiências e pontos de vista acerca desse processo educacional. Por se tratar de uma pesquisa que mobiliza a percepção das mulheres mais velhas do quilombos sobre a formação docente das mais novas, foi necessário empregar um método de pesquisa qualitativo, que é compreendido por Minayo (2011, p. 263) como um método revelador em, segundo a autora, o verbo principal empregado é compreender.

Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que elas se insere.

Essa análise foi feita a partir do aprofundamento dos ensinamentos e formas de ensino dados na comunidade, a todas as gerações, sendo elementos fundamentais de educação para que pudéssemos extrair desses relatos os elementos mais importantes.

Com a inserção das políticas públicas que possibilitam a educação das relações étnico-raciais que orientam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana em todo o sistema educacional público e privado, Lei 10639/03. Tem-se, também, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, promulgada em 2012, que orienta princípios para uma escolarização que estabelece um diálogo profundo, consistente, epistêmico e político entre quilombos e uma escola quilombola que pode estar situada dentro e fora do território.

Na realidade em que as mais velhas se criaram, não existia a presença desses dispositivos legais e, sim, resquícios implícitos e explícitos das leis proibitivas e da liberdade inconclusa do processo abolicionista. Um período marcado por uma escolarização bastante precária, em que não havia aceitação dos/as colegas e

professores/as, além das inúmeras barreiras que as impediam de permanecer naquele espaço. Por isso, as passagens na escola eram aligeiradas pela dinâmica (não pedagógica) das relações interpessoais.

Assim sendo, a vida das mais velhas se consistiu em aprender na convivência familiar os saberes e a luta por dignidade material que se tornava possível na combinação entre as práticas laborais e a multiplicidade de manifestações afro-religiosas: trabalho e fé produziam os saberes de viver dentro e fora do Quilombo.

Por fim, o hibridismo, ancorado em Canclini (1997), está entrelaçado às várias dimensões dos espaços educativos, dentre eles, os Quilombos; tais entrelaçamentos culturais, possibilitam um questionamento crítico das narrativas hegemônicas ao longo da história do colonialismo no país e no mundo. Consagrar a ideia de que toda a comunidade negra produz história valida sua racionalidade.

As leis que integram a história e a cultura afro-brasileira e africana nas Instituições de ensino e a própria educação escolar quilombola vigente no sistema escolar brasileiro desde 2012, favorece que as vozes de mulheres negras se transformem em um legado que nos aponta modos de viver e de fazer, obstante a todos os sistemas de opressão. Não se tratam de “heroínas”, mas de mulheres que fundamentam gerações inteiras através de práticas cotidianas que tramitam entre o simples e o complexo da existência humana. Uma educação que humaniza, não reproduz passados, mas, sim, o renova positivando as memórias naquilo que é desconstrutor de estigmas e, por consequência, catalizador de um maior suporte para as mudanças e desafios que a sociedade impõe.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

NUNES, Georgina Helena Lima. Ser mulher, sul mulher: “a gente tem que sempre fazer vento!”. **SILVA, J.; PEREIRA, AM O movimento de mulheres negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala**, p. 179-203, 2014.

ODWYER19, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. **Territórios quilombolas e conflitos**, v. 69, p. 42, 2010.